

Pimenta madura que dá semente: a capoeira Angola no município de Taboão da Serra / SP

Mature pepper that produces seed: capoeira Angola in the municipal district of Taboão da Serra / SP

*Maria Stella Soares de Paula Mendes*¹

stellasoar@gmail.com

Resumo

O presente trabalho apresenta a experiência desenvolvida pelo Grupo de Capoeira Angola Irmãos Guerreiros, no município de Taboão da Serra, no estado de São Paulo. A partir da observação da história de formação do grupo e de relatos de experiência, discute como um espaço cultural gerido em uma região periférica se torna um território de convergência nacional e internacional.

Palavras-chaves: Capoeira Angola - Taboão da Serra - oralidade

Abstract

This paper presents the experience developed by Grupo de Capoeira Angola Irmãos Guerreiros in the district of Taboão da Serra, in the state of São Paulo. From the observation of the group's forming history and of experience reports, it is discussed how a cultural space managed in a peripheral region becomes a territory of national and international convergence.

Keywords: Capoeira Angola - Taboão da Serra - orality

¹ Bacharel em História (FFLCH/USP), especialista em Gestão de projetos culturais (ECA/USP) e pesquisadora da cultura popular como discípula do Grupo de Capoeira Angola Irmãos Guerreiros.

As raízes da semente

“Capoeira é tudo o que a boca come”

Mestre Pastinha

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”

João Guimarães Rosa

A transmissão de ensinamentos por meio da oralidade tem sido um exercício de oposição na atual era da informação, em que impera o uso das tecnologias na difusão do conhecimento. A capoeira tem contribuído nesse processo, além de ser um caminho capaz de agregar qualidades variadas aos públicos que queiram se debruçar: musicalidade, expressão corporal, literatura oral por meio das cantigas, teatralidade, luta marcial, convivência em grupo, transmissão oral do conhecimento, história da resistência da matriz negra.

O presente trabalho investigará, a partir de um estudo de caso, como a capoeira se tornou um vértice cultural no município de Taboão da Serra por meio do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Capoeira Angola Irmãos Guerreiros, tendo na cultura popular um motor capaz de gerar alterações sociais no espaço onde é praticada e vivenciada (nesse caso, carinhosamente batizada por Senzalinha), atraindo interessados que não se detêm ao obstáculo da distância a ser percorrida para vivenciar a experiência lá existente.

Ali o grupo iniciou suas atividades em 1983 por iniciativa de três irmãos e um sobrinho: Guerreiro, Macete, Baixinho e seu filho Marrom. Desde então, mantém há cerca de 30 anos uma sede cultural onde acontecem encontros diários e semanais que atraem participantes de outros locais do Brasil e do mundo.

É neste contexto histórico e socioeconômico que a pesquisa vai observar o alcance da comunicação pela oralidade e como isso permite a gestão de um dado espaço. A partir desse referencial, como esse espaço se transforma em um território cultural onde esta prática se irradia, justamente porque nele há a apropriação e re-significação de um bem simbólico por um grupo praticante.

Um território que se estende para fora de seus limites físicos na construção da espacialidade da cidade no século XX, sendo estas “...as cidades, crescentemente inegalitárias, que tendem a abrigar, ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular, que colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem, num jogo dialético sem-fim.” (SANTOS, 1997)

O princípio norteador será a metodologia usada em História Oral, “pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da vida cotidiana), à história local e enraizada” (AMADO & FERREIRA, 2006).

Passagens dentro da terra - Taboão da Serra e a capoeira Angola

Segundo dados colhidos no site do IBGE, o município de Taboão da Serra conta atualmente com uma população de cerca de 250 mil habitantes, distribuídos e altamente concentrados numa área de cerca de 20 km², fazendo limite a oeste da capital de São Paulo.

É um município que ocupa 20.387km², apresenta elevada densidade populacional (12.049,87 por km²), onde a maioria da população o utiliza como cidade dormitório tendo como fonte de emprego a cidade de São Paulo. Os índices de natalidade são altos (em 2011 eram 18,12/ mil habitantes), a renda per capita é de cerca de R\$ 678,00 (seiscentos e setenta e oito reais) e participação de 0,13% no valor corrente das exportações totais do Estado de São Paulo.

Em termos comparativos, os mesmos dados colhidos no site do IBGE para a cidade que absorve a mão de obra proveniente de Taboão da Serra, a cidade de São Paulo, apontam um espaço de 1.521,101 km², densidade populacional de 7.387,69 por km², taxa de natalidade em torno de 15,59/mil habitantes, renda per capita de R\$ 1.153,79 (um mil cento e cinquenta e três reais e setenta e nove centavos) e participação de 13,87% no valor corrente das exportações totais do Estado de São Paulo.

A história do município remete à presença jesuítica em São Paulo quando ainda era a chamada Vila de São Paulo do Campo de Piratininga, no século XVII, em especial pela atuação do Padre Belchior de Pontes onde hoje estão os municípios de Itapeverica da Serra e Embu das Artes, cujas benfeitorias de suas obras colaboraram com o desenvolvimento inicial na região.

O povoamento exponencial começa a partir do século XIX, quando a região se torna passagem dos tropeiros que vinham do Sul para a capital do Estado. O nome da cidade é atribuído inclusive a um morador desse período, que era artesão (trabalhava com a taboa vegetal como matéria prima) e oferecia hospedagem aos viajantes. Devido a seu porte físico avantajado, sua pousada ficou conhecida como “Casa do Taboão”. Mais tarde, na passagem da Vila a Distrito e devido à situação geográfica do município, foi acrescentada a terminação da Serra.

Já no século XX, por volta de 1910, ocupações mais afluentes foram ocorrendo por pequenas chácaras que produziam batatas, cenouras e mandiocas, além de pomares e parreiras. Em seguida, uma colônia de férias foi instalada para os padres da Igreja Católica, devido a sua posição territorial privilegiada pelo clima ameno. Datam do ano de 1953 as primeiras reuniões dos moradores reivindicando a emancipação do sub-distrito de Itapeverica da Serra. Por meio de um plebiscito local, uma comissão foi formada e pode levar à Assembleia Legislativa de São Paulo o pedido de emancipação. Em 19/2/1959, o pedido foi publicado em diário oficial, e Taboão da Serra passou a ser um município autônomo no Estado de São Paulo.

Entre 1974 e 1975, José Eloy de Oliveira, conhecido por Baixinho, chega da Bahia e fixa residência em Taboão da Serra, dentro do grande fluxo migratório dos anos 1970 do Nordeste para o Sudeste.

Em pouco tempo, a capoeira surge no cotidiano da família, como relata seu filho, Ronaldo Alves de Oliveira, o Mestre Marrom:

O contato direto com a capoeira, registrado de fazer uma matrícula, foi aqui no Jardim Sapórito, em 1977, que o Mestre Baixinho começou com capoeira. Foi 6 meses antes de mim. Ele começou capoeira e teve que fazer uma operação, daí depois de 3 meses quando ele voltou eu já entrei. Isso foi em 5 de janeiro de 1978. Daí foi o meu contato com capoeira, na Associação de Capoeira Ilha de Marajó, com o Mestre Zé Boneco. (OLIVEIRA, 2013)

Nessa época, a capoeira praticada em São Paulo ainda era essencialmente ligada aos ensinamentos do início de sua legalização oficial em 1932, quando “Mestre Bimba, que é tido como uma espécie de Lutero da capoeira, introduziu modificações na tradicional Angola” (CARYBÈ in COLEÇÃO RECÔNCAVO, 1955). Mestre Marrom, porém, observa,

então, é bem complicado a gente falar isso aí de Capoeira Regional ou Angola, porque a capoeira paulista tem uma característica própria, né, de jogar capoeira, e eu penso Capoeira Regional como aquilo que o Mestre Bimba ensinou, aquela metodologia que o Mestre Bimba criou, mas é lógico que tudo aquilo que nós fazíamos naquela época era muito mais próximo da capoeira regional, muito mais próximo da regional. (OLIVEIRA, 2013)



Taboão da Serra antes da emancipação (déc. 40). A rua de terra batida deu lugar à Rodovia Régis Bittencourt (BR-116)



Várzea onde hoje é o Largo do Taboão

A sede do grupo era a casa construída pela família no Jardim Saporito, sendo a garagem o espaço usado para os treinamentos e as rodas, além de outras manifestações culturais próximas como maculelê, puxada de rede e samba de roda. A recordação do bairro diverge bastante do cenário atual:

Quando nós viemos aqui pra o Jardim Saporito, que minha mãe saiu da casa da vó, porque eles passaram um tempo na casa dela, eu tinha 5 anos de idade, então, de 69...75, 74 por aí, né, meu pai e minha mãe eles construíram essa casa aqui no Jardim Saporito. No Jardim Saporito não tinha muita gente, a gente conhece três ou quatro famílias da época que viviam aqui e pertinho mesmo daqui da Senzalinha, daqui do espaço, eram umas casas que ficavam aqui pro fundo. (OLIVEIRA, 2013)

Entre 1983 e 1992, o trabalho do grupo foi se transformando pela aproximação com diversos mestres. Mestre Zé Boneco, Mestre Zé Lino, Mestre Minha, Mestre Gato Preto, Mestre Pé de Chumbo, Mestre Jogo de Dentro foram alguns nomes que influenciaram nessa trajetória até o grupo assumir o trabalho com Capoeira Angola em 1993.

Essa passagem é por ele descrita:

O Mestre Zé Lino teve que parar com capoeira e indicou o Mestre Minha.. “vai ser o cara responsável por vocês”... na verdade a gente já tinha intimidade, fazíamos treino com Mestre Minha. E foi lá que nós tivemos o contato com o Mestre Gato Preto. O Mestre que ensinou capoeira em São Paulo, Angola, só que o Mestre Gato Preto não teve essa coisa de falar: Capoeira Angola é assim, tem que fazer assim, tem que fazer assim, ele ensinou Capoeira Angola, mas não a parte da filosofia do angoleiro, o jeito do angoleiro pensar, ele não conseguiu transmitir, porque existia uma capoeira em São Paulo e sabe que os mestres dessa época teve até dificuldade pra sobreviver mesmo, porque se eles comessem a ser muito radical, nessa forma de mudar o jeito do paulista jogar aí era perigoso eles não terem espaço pra ensinar. Então com esse contato com o Mestre Gato, foi a hora que despertou na gente o interesse por capoeira Angola. Já tinha muita gente que me chamava de angoleiro sem... falava e queriam que eu desse curso de capoeira Angola sem eu ter esse contato total com a capoeira Angola. A partir daí, a minha vontade de procurar capoeira Angola foi muita, tanto que quando eu soube que o Mestre Pé de Chumbo estava em Indaiatuba, nós fomos até lá, eu, o Mestre Lingüiça e o Peixe Cru e logo começamos a treinar com ele, já vimos um espaço lá, ele falou: “vocês podem vir treinar”. Daí o que a gente fazia: nós treinávamos num sábado e num domingo, voltava pra a academia e botava em prática isso a semana inteira”. (OLIVEIRA, 2013)

Durante esses 15 anos, muitas pessoas foram formadas em contramestres, professores e treineis, chegando a contar com mais de 200 participantes entre os anos 1980 e 1990. No entanto, ao assumir um novo posicionamento na capoeira, Mestre Marrom relembra:

de 200 ficamos com 4, 5 alunos que iniciou esse processo... depois com o passar do tempo o pessoal foi chegando a acreditando, até porque eles não acreditavam, não é que não gostavam, não acreditavam que isso ia dar certo, porque era uma mudança muito radical. (OLIVEIRA, 2013)

Hoje o grupo contabiliza mais de 300 praticantes, entre brasileiros e estrangeiros, com praticantes na Alemanha, Polônia, Áustria e Portugal.

Essa expansão para outros continentes repercutiu no trabalho realizado em Taboão da Serra, pois nesses últimos dez anos cerca de 150 praticantes de capoeira conheceram o município por conta desse intercâmbio.

Desde 2008, a sede do grupo ocupa todo o espaço da antiga residência de Mestre Baixinho, que a cedeu para a formação do Instituto Irmãos Guerreiros – Cazuá da Cultura.

Dos 35 bairros que compõem o município de Taboão da Serra, atualmente o grupo está presente e atuante no Jardim Saporito, Jardim Trianon, Parque Pirajuçara e na região central da cidade, no Teatro Clariô. Também conta com dois núcleos na cidade de Embu das Artes, no espaço Zumaluma e no Teatro Popular Solano Trindade, além das atividades desenvolvidas por professores e treines em escolas, espaços culturais, ONGs e academias esportivas, sempre com o “carro chefe sendo a capoeira”, segundo as palavras de Mestre Marrom.

Florescendo os frutos

Quando aplicado ao processo experimentando pelo Grupo de Capoeira Angola Irmãos Guerreiros no ensino da capoeira, é possível concordar com o exposto por Havelock onde “a cultura de nossa geração está a assistir um reviver da oralidade como um modo de comunicação viável, com uma longa história ancestral – um modo, além do mais, que tem certas vantagens sobre os métodos lineares do mundo letrado”. (HAVELOCK, 1996)

Ali, todos os ensinamentos são transmitidos pela oralidade (seja por meio das cantigas, da contação de episódios, da fruição do conhecimento repassado e reaprendidos) em torno da não linearidade da roda. Neste lugar que a pesquisa investiga a cultura, é fruída em razão da palavra falada e dos ensinamentos (históricos, musicais, pedagógicos, literários, marciais) que esta propicia. Um lugar onde “a fala parece mais próxima da música e da intuição do tempo” (BOSI, 2003)

A gestão deste local também segue este princípio, pois as atividades desenvolvidas – e cujos participantes são das mais variadas faixas etárias e desempenhas diversas funções – são baseadas nas proposições faladas, nas atribuições formalizadas pela fala. Das aulas que se realizam semanalmente até a organização dos eventos comemorativos (anualmente são comemorados os aniversários dos Mestres Baixinho e Mestre Marrom, além das datas comuns no calendário oficial como São João, festa das mães, dos pais e das crianças), tudo é gerido e concretizado por acordos verbais e tem garantido a continuidade intuitiva desse modo de organizar.

No território onde tais conhecimentos são compartilhados, a forma e o veículo de transmissão é a linguagem oral e é ela o elemento capaz de agregar a comunidade em torno de uma manifestação cultural à qual ela se atrai, se estimula, se interessa e passa a pertencer e, ao mesmo tempo, atrair um público externo a essa realidade.

Ressaltando o significado de comunidade como a qualidade daquilo que é comum, não sendo, porém, “o espaço utópico de trocas beatíficas, isentas de conflito e luta. É, antes, o lugar histórico possível em que a tradição se instala como uma dimensão maior que a do indivíduo singular, levando-o a reconhecer-se nela como algo diferente de si mesmo”. (SODRÈ, 2002).

Santos completa tal significado:

No lugar, nosso Próximo, se superpõem, dialecticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e do tempo.

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora da comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 1997)

Nesta relação interativa e conflitante, cada indivíduo se torna um participante, um agente e um replicador, intervindo e fruindo nos diversos elementos que qualificam a capoeira como cultura popular.

Interessa ressaltar um aspecto relevante na relação linguagem oral e a literatura oral popular a partir



da capoeira. A capoeira apresenta os quatro elementos fundamentais que definem literatura oral, segundo Cascudo (1984): a oralidade, pois é no anonimato da voz que sonoramente entoa seus ritmos e gestos, que se revalida o significado da mensagem proferida; a antiguidade, já que não é possível identificar a data precisa de seu surgimento; o anonimato da autoria, o que a torna de todos e ao mesmo tempo de ninguém; e a persistência, uma vez que é repassada há séculos de geração a geração, onde é reformulada, mas não esquecida.

Neste ponto, é possível aproximar a capoeira ao candomblé, pois em ambas as manifestações o segredo está na transmissão da palavra falada, o viver é o próprio aprender e tudo faz parte de um mesmo universo de conhecimento, que é o da matriz negro-africana cuja grande particularidade está em sincronizar trabalho, canto, ritmo e religião num mesmo momento.

Por isso também cabe ressaltar o tamanho da importância de existirem centros irradiadores de cultura de matriz negro-africana em áreas onde a ação do Estado é distante e por vezes ausente. Locais onde “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano” (BOSI, 2003).

Seguindo nesses termos, a afirmação de McLuhan se confirma, pois “o meio é a mensagem, isto é, o conteúdo do que se comunica é regido pela tecnologia utilizada, mas (...) essa mesma tecnologia pode ter uma função causal na determinação do modo como pensamos” (McLuhan in HAVELOCK, 1994) e na capoeira Angola a própria Capoeira é o princípio, o meio e o fim: “é tudo o que a boca come”, como deixou dito Mestre Pastinha².

A capoeira entendida como filosofia de vida e modo de estar no mundo direciona, disciplina, integra, reúne, qualifica. Determina realmente o modo de pensar do praticante na medida em que torna o corpo e a técnica de movimentá-lo uma união entre dança e a luta, um código de pergunta que gera uma resposta, que leva a outra pergunta que se resolve por outra resposta, tudo regido pelo ritmo do toque musical.

A linguagem corporal, a expressão visual, o diálogo de corpos entre opostos, o ritmo da bateria no momento da roda, tudo isso é um processo ancestral que é vivido, representado, falado e construído em Taboão da Serra. Refazendo intuitivamente a tradição,

imitando os gatos, macacos, cavalos, bois e aves, cobras etc. os negros descobrem os primeiros golpes dessa luta: das marradas, quem sabe, pode ter surgido a mortal cabeçada; dos coices de cavalos, bois e outros animais, podem ter surgido a chapa e o esporão; da forma de ataque da arraia, do tatu e do jacaré, que guinando os corpos tentam atingir o adversário com a cauda, pode ter surgido o rabo-de-arraia, ou a meia-lua-de-compasso; dos pulos e botes dos animais, podem ter surgido os saltos da capoeira, como o salto do maçado, o pulo do gato e o aú; e das pernadas e calços, nas horas de brincadeiras e correria, pode ter surgido a rasteira (MESTRE ALMIR DAS AREIAS in MOURA, 1994)

Neste local interagem a presença assídua de seus membros e as constantes visitas de indivíduos de outras origens, que vivenciam simultaneamente esse atual movimento da globalização de identificação cultural por traços de comunhão matricial, sejam elas de natureza espiritual, corporal ou territorial. Pessoas capazes de “oferecerem constantes oportunidades de os imaginários atuarem”, frutos dessa “presença permanente ou assídua de metropolitanos nas periferias e periféricos nas metrópoles” (CANCLINI, 2010).

Ali,

avultam as relações de proximidade, que também são uma garantia da comunicação entre os participantes. Nesse sentido, os guetos urbanos, comparados a outras áreas da cidade, tenderiam a dar às relações de proximidade um conteúdo comunicacional ainda maior e isso se deve a uma percepção mais clara das situações pessoais ou de grupo e à afinidade de destino, afinidade econômica ou cultural. (SANTOS, 1997)

2 Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, ou Mestre Pastinha, nasceu em 1889 e começou a aprender capoeira aos 8 anos de idade com o africano Mestre Benedito. Serviu a Marinha e, em 1910, tornou-se professor de capoeira. Ao longo dos anos, foi organizando a arte do jogo, fundou sua própria escola em 1941, estabeleceu um método de ensino com base em antigas tradições trazidas por africanos escravizados e escreveu o livro “Capoeira Angola”. Desperta nos angoleiros um ideal de educador, que alerta e ensina como é possível jogar, mas não como jogar, e deixou uma série de desenhos e apontamentos sobre a Capoeira Angola, reagrupados nos temas: Sobre a Fundação do CECA, Sobre a origem da capoeira, Sobre sua formação, sobre o jogo, sobre a ética no jogo, sobre os deveres, sobre os mestres, sobre o pensamento. Não foi reconhecido como educador e incentivador da cultura afro-brasileira e chegou à velhice em descaso e pobreza. (PORTAL NZINGA, 2013)

A pimenta madura que espalha suas sementes

“A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila, elabora em geral os traços de outras culturas, quando estas encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida” (HOLANDA, 1995). Partindo dessa premissa e aproximando aos dias de hoje, vale interpretar novamente as considerações de Mestre Almir das Areias (1983)³ com foco nas discussões ligadas à afinidade pela origem e pela ancestralidade em Capoeira Angola:



Foto: Guma Fotógrafo

“A capoeira é brasileira ou africana? É afro-brasileira? Originou-se na África e desenvolveu-se no Brasil? Ou aqui surgiu e, a partir da volta de alguns escravos à sua pátria de origem, lá apareceu em algumas regiões? [...] através de algumas colocações que faço, talvez possamos caminhar um pouco em direção à origem da capoeira. [...] Não possuindo armas suficientes para se defenderem, quase nem mesmo as armas convencional da época, tornou-se necessário para os negros descobrir uma forma de enfrentar as armas inimigas. Movidos pelo instinto natural de preservação da vida, os escravos descobrem no seu corpo a essência da sua arma. Tendo como mestra a sua natureza, notando nas brigas dos animais as marradas, os coices, saltos e botes, utilizando-se das estruturas das manifestações culturais trazidas da África (como, por exemplo, brincadeiras, competições etc. que lá praticavam em certos momentos cerimoniais e ritualísticos) aproveitando-se dos vãos livres que aqui abriram no interior das matas e capoeiras, os negros criam e praticam uma luta de autodefesa para enfrentar o inimigo” (MOURA, 1994)

Atualmente questiona-se com exagero a preservação das origens e da naturalidade espontânea na capoeira apenas em torno de determinadas raízes e matrizes. Muitas delas, no entanto, se esgarçaram no tempo e perdem força diante do processo dinâmico da comunicação na atual era da globalização. Por isso é preciso avaliar o desempenho de um trabalho com capoeira a partir da sua formação histórica, da sua constituição iniciante, mas também por meio do impacto a ele associado e operante.

Hoje, em termos culturais, as armas inimigas são mais sutis, mas ao contrariar a desvalorização da cultura tradicional diante do capital em massa e se defender da padronização de comportamentos e do modelo imposto pelo consumo, o praticante de capoeira que conduz sua vida a partir dessa prática cultural, enxerga na sua disciplina um caminho de resistência, uma filosofia e uma educação para a vida.

Os vãos livres da mata que abrigaram e possibilitaram o exercício desta destreza estão transformados em territórios privados, que se ampliam para o espaço público nos momentos de êxtase, de retomada. Lugares que garantem sua continuidade, principalmente porque foram criados como espaços de sociabilidade e que permitem à comunidade reconhecer e legitimar a formação de lideranças instituídas pela formação cultural que possuem e não apenas pela atribuição formal de títulos.

D. Raquel Trindade⁴, em depoimento concedido à autora em 10 de abril de 2013, testemunha como essa liderança e esse reconhecimento se dá em relação à representatividade de Mestre Marrom em sua comunidade:

Eu gosto muito do Mestre Marrom, porque a ideia que você tem de muitos capoeiras é de serem assim, meio mal-educados, né, meio grosseiros, né, e ele não, ele é suave. E eu fiquei muito entusiasmada, que na semana passada, teve uma apresentação do Dinho Nascimento e o Dinho, assim, foi muito gentil de chamar o Mestre. Era uma orquestra de berimbau, de chamar o Mestre Marrom pra se apresentar. Menina, ele deu um show, eu nunca tinha visto ele, como é... na ginga, na capoeira. E falam muito mal de capoeira de Angola, que é monótona, que é suave demais, ele deu um show, eu fiquei entusiasmada. Eu já gosto dele como pessoa. E ele tá há bastante tempo aqui no nosso teatro, a gente abriu pra ele como Ponto de Cultura⁵, acabou o Ponto de Cultura, mas a gente quer que ele sempre, né. Então eu

³ In MOURA, Clóvis. Dicionário da escravidão negra no Brasil, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

⁴ Filha do poeta Solano Trindade, é pintora, dançarina, coreógrafa, grande conhecedora da história e cultura afro-brasileira e considerada uma das maiores memórias vivas no Brasil. Foi homenageada pela Ordem do Mérito Cultural no Palácio do Planalto em 2012, no dia da Cultura, pelas mãos da presidenta Dilma Rousseff e da ministra da Cultura Marta Suplicy.

⁵ O Ponto de Cultura é a ação prioritária e o ponto de articulação das demais atividades do Programa Cultura Viva. São entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministro da Cultura que desenvolvem ações de impacto sociocultural em suas comunidades.

fico muito feliz de ter ele aqui sempre com a gente. Ele tem a academia dele, mas ao sábado de uma às três ele dá aula aqui né. E eu gosto muito dele, do carinho com a família, da atenção que ele dá aos alunos, como os alunos respeitam ele, e ele é jovem né, ele é jovem. Mas eu fiquei muito entusiasmada dele se apresentando, de ver ele se apresentando. Gosto muito do Mestre Marrom. Eu não sei o nome verdadeiro dele até agora. (TRINDADE, 2013)

“A ausência da terra ancestral” que “diminuía a força de vida do escravo, prostrando-o” (SODRÊ, 2002: p.124) é o contrário dessa terra mãe de hoje, que nas periferias guardou e materializou uma cultura de transformação, atribuindo um sentido histórico e social ampliado para a continuidade das descendências escravas. Como diz a fala de Mestre Marrom diante de seu papel hoje:

Hoje a minha relação com a capoeira é muito tranquila, com o passar do tempo percebi que a capoeira faz parte da minha vida e tenho uma missão que é transmitir aquilo que me foi passado diante dos questionamentos de outros tempos. Hoje tudo é bem mais tranquilo, pois o grupo se fortaleceu em busca de capoeira, tem muito fundamento, antes erramos com algumas pessoas interessadas em aprender capoeira Angola, mas hoje somos um grupo de formadores de opinião que tem como pilar a capoeira Angola, a guarda da capoeira Angola e diante dessa condição a capoeira esta presente em minha casa, em meu trabalho, ela faz parte de minha história e hoje na minha vida tento sempre estar em contato com a capoeira. Até nas mais difíceis decisões, sempre acredito que a capoeira é tudo e que ela me faz tomar as melhores soluções. (OLIVEIRA, 2013)

Daí vem a ação e o espaço da Senzalinha, do Grupo de Capoeira Angola Irmãos Guerreiros. É um território da cultura na periferia, que vive a o cotidiano da periferia e sobrevive no tempo sendo um templo, um lugar de resistência de uma cultura. Como descrito nas palavras de Mestre Marrom, o sentido é ter um “espaço da cultura, que muitas vezes acontece um samba de roda, as crianças tem experiência com o maracatu, o tambor de crioula... é assim mesmo, o espaço pra cultura é a tendência, é olhar mais para esse lado sempre com o carro chefe sendo a capoeira” (OLIVEIRA, 2013)

Capoeira como a manifestação genuína da nossa identidade malunga brasileira, fruto de um DNA rico em povos variados que cultivaram suas tradições mutuamente, tal como os galhos que saem cada qual para um lado, vindos, porém, da mesma base. Da mesma forma, a

“cultura popular tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade, através da mudança. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se estabelecem entre o homem e o seu meio, mas seu alcance é o mundo. Essa busca de caminhos é, também, visão iluminada do futuro e não apenas prisão em um presente subalternizado pela lógica instrumental ou aprisionado num cotidiano vivido como preconceito. É a vitória da individualidade re-fortalecida, que ultrapassa a barreira da práxis repetitivas e se instala em uma práxis libertadora, a práxis inventiva” (SANTOS, 1997)

Intervir como gestor cultural nesse âmbito é fortalecer a práxis libertadora, incentivando tal cadeia a alcançar novas parcerias, valorizando todo o empreendedorismo e gerenciamento afetivo existente, potencializando o enorme fator de articulação das pessoas envolvidas em torno e em função de um grupo e que fazem em conjunto a gestão de seu espaço cultural.

O ponto crucial na manutenção deste espaço é sua vivência,

“coisa que é mais feita por vontade minha e de alunos mesmo, que às vezes sem saber, eles que ajudam, às vezes eles que chegam com uma mensalidade, com alguma coisa, que a gente transforma, para poder ficar uma hora com as crianças, para poder trabalhar mesmo com as crianças.”(OLIVEIRA, 2013)

Mesmo produzindo interesses distintos, a manifestação cultural regida pelo ensino oral ainda guarda essências das raízes históricas da matriz negra, onde o sujeito é reprodutor e produtor no mesmo instante e no mesmo espaço onde isso se manifesta. “A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio” (SANTOS, 1997) e é isso que faz o espaço se transformar em território (por pertencer e ser parte da manifestação da cultura). O meio que obriga e impulsiona às mudanças e à evolução é o esteio, o celeiro, a própria capoeira no sentido mais terrestre que essa palavra possa pertencer.

Referências bibliográficas:

- COLEÇÃO RECÔNCAVO. **Jogo da Capoeira**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955. N°3.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, SP: UNICAMP/ CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.
- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). **Usos e abusos na história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2010.
- CASCUDO Luis da Câmara: **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- GALDINI, Jefferson. **Os orixás e a natureza III**. São Paulo: Noovha América, 2012
- HAVELOCK, Eric. **A Revolução da Escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- HOLANDA. Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- MASSA, Ana Cristina. **Aqultune e as histórias da África**. São Paulo: Editora Gaivota, 2012.
- MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, Ronaldo Alves de. **Entrevista concedida à Maria Stella Soares de Paula Mendes na sede do Grupo Irmãos Guerreiros**. Taboão da Serra, 9 de abril de 2014.
- PORTAL INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Início**. Acessado em: 4 março 2013, disponível em: [http:// < http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1 >](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1)
- PORTAL CATOLICISMO REVISTA DE CULTURA E ATUALIDADES. **Escrevem os leitores**. Acessado em: 25 fev 2013 Disponível em: [http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/D8836A51-C787-3E37-CDDDB585FCF0B7E53/mes/Julho1999 >](http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/D8836A51-C787-3E37-CDDDB585FCF0B7E53/mes/Julho1999)
- PORTALGRUPO NZINGA DE CAPOEIRA ANGOLA. **Capoeira Angola**. Acesso em: 25 abr 2013 Disponível em: [http://nzinga.org.br/pt-br/mestre-pastinha >](http://nzinga.org.br/pt-br/mestre-pastinha)
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e Emoção**. SP: Hucitec, 1997
- SODRÈ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.
- TRINDADE, Raquel. **Entrevista concedida à Maria Stella Soares de Paula Mendes no Teatro Popular Solano Trindade. Embu das Artes**, 10 de maio de 2013.